PEÇA DE ARQUITETURA

SIMBOLISMO DA INICIAÇÃO AO GRAU DE APRENDIZ

Grau de //Aprendiz Maçom //
Renato Bossle Miguel ∴

RESUMO

A presente peça de arquitetura objetiva o conhecimento sobre os principais aspectos do simbolismo da iniciação ao grau de aprendiz.

O desenvolvimento dos estudos foi assentado em pesquisa bibliográfica de obras literárias especializadas em simbolismo do Rito Escocês Antigo e Aceito, além de reflexões de foro íntimo sobre o significado da iniciação na ordem maçônica e a forma pela qual seus preceitos podem ser incorporados ao processo individual de aprendizagem moral e espiritual.

Para fins de estruturação das ideias e das teses adiante apresentadas, a peça foi organizada com base nos principais momentos do ritual de iniciação, evidenciando as finalidades, as características e a importância de cada um para aquele que ingressa nos quadros da ordem.

DESENVOLVIMENTO

1. Marcos do Ritual de Iniciação

Tomando emprestado os ensinamentos de Raymundo D'elia Júnior em seu livro "Maçonaria: 100 instruções de aprendiz", a iniciação, do ponto de vista etimológico, pode ser compreendida como "o ingresso no novo mundo interno para começar uma vida nova". Sob o aspecto exotérico, a iniciação é um rito de transição que imita um novo nascimento, submetendo o aspirante a provas que balizam no curso da existência humana. O ilustre autor ainda cita o conceito de iniciados para os hindus: são os nascidos duas vezes. A primeira vez de sua mãe natural; a segunda do interior de si mesmo por intermédio do rompimento da materialidade que aprisiona e do desenvolvimento da espiritualidade.

De acordo com a obra de José Francisco Guimarães, "Cartilha Maçônica", o ritual de iniciação é constituído de marcos fundamentais. São eles: abertura, preparação do candidato, Relatório do 1º Experto, entrada do candidato, oração, taça sagrada, as três viagens, avançando ao altar dos juramentos, juramento, imersão no mistério, investidura e avental, cerimônia no nordeste da loja e encerramento.

Ainda nas palavras do renomado autor, na ausência, omissão ou execução equivocada de qualquer um desses marcos, a cerimônia de iniciação perde substância em detrimento do peso da tradição.

Na visão de Raymundo D'elia Júnior, os conhecimentos exotéricos das religiões e da maçonaria são, atualmente, disseminados em livros e materiais de amplo acesso. Porém, os verdadeiros mistérios da instituição encontram-se no mais íntimo do espírito, cuja porta está sempre guardada e vigiada pelo anjo da espada flamígera.

1.1. Abertura

A Abertura Ritualística de uma Sessão Magna de Iniciação estabelece as condições necessárias à recepção dos novos maçons e renova o convite para o resgate de valores e obrigações contraídas pelos irmãos que já fazem parte dos quadros da loja.

1.2. Preparação do Candidato

A preparação do candidato para admissão na ordem envolve diversos procedimentos, descritos com detalhes nos itens seguintes.

1.2.1. Câmara de Reflexão

Antes de ser submetido ao ritual de iniciação, o candidato ao grau de aprendiz maçom é recolhido em um local denominado "Câmara ou Gabinete de Reflexão". De uma forma geral, a câmara é compreendida como o útero, do qual o candidato nasce para uma nova vida, diferente da vida existente no mundo profano.

O gabinete de reflexão é composto por diversos objetos e elementos, cada qual com uma finalidade determinada e lógica com o objetivo de promover a reflexão do candidato antes do seu ingresso na ordem maçônica.

O primeiro elemento digno de nota é a predominância da escuridão, atenuada pela presença de pequenos focos de luz. Para o candidato, a escuridão da câmara simboliza a ausência de sabedoria e o atraso moral e espiritual decorrente de sua condição de profano. O gabinete de reflexão também possui, em seu interior, objetos como ampulheta e esqueleto humano (ou, na sua ausência, um crânio) e elementos como pão, água, sal, enxofre e mercúrio.

A ampulheta simboliza a passagem do tempo e a consequente brevidade da vida humana, a qual deve ser usufruída da melhor forma possível. O esqueleto ou o crânio, de forma semelhante, provocam a reflexão sobre o fim inevitável da matéria, clamando a atenção do candidato para a única eternidade passível de ser alcançada: a do espírito.

O pão e a água simbolizam os alimentos do corpo e do espírito, fundamentais à vida. Significam, de forma figurada, as forças necessárias ao candidato para suportar as provas a que será submetido.

Na visão de José Castellani, os elementos sal, enxofre e mercúrio foram introduzidos no simbolismo maçônico pela grande influência da alquimia, precursora da química, cuja finalidade

principal era a transformação dos metais. Buscava-se, através desses três elementos, a transmutação de metais inferiores em ouro puro, a chamada “Grande Obra”.

A analogia dos metais informa aos candidatos a necessidade de se percorrer o caminho do conhecimento para se alcançar o aperfeiçoamento moral e espiritual, compreendida como a grande obra da vida. O ouro, muito além da felicidade material, representa a luz, a sabedoria e a revelação divina que o candidato deve buscar em seu processo de tranformação íntima.

De forma distinta, mas também repleta de significados, é a explicação de Jules Boucher para a presença de enxofre, sal e mercúrio. Segundo o autor, o enxofre representa o ardor e o sal a ponderação. O mercúrio, por sua vez, simboliza a ousadia.

A câmara de reflexão ainda apresenta conselhos aos candidatos para subsidiá-los na decisão de ingressar ou não na maçonaria. As sentenças gravadas no interior da câmara alertam para as reais intenções dos candidatos, esclarecendo, de forma franca, que os verdadeiramente desejosos pela busca da verdade serão bem vindos e aceitos, ao passo que todos aqueles que buscam encontrar na maçonaria a satisfação de seus interesses puramente pessoais serão, oportunamente, descobertos e revelados.

Nas paredes da câmara, registra-se também o desenho de um galo em posição de canto sobre as palavras “Vigilância e Perseverança”, a representação da morte, munida de Alfanje, com a inscrição “Lembra-te homem, que és pó e ao pó retornarás”. De acordo as lições de José Castellani na obra “O Rito Escocês antigo e aceito”, a figura do galo representa o despertar da consciência e da ressurreição do candidato, o qual morre para a vida profana e renasce para um plano mais elevado da espiritualidade através da maçonaria e de seus ensinamentos morais.

Outro importante símbolo presente no gabinete de reflexão é a fórmula do VITRIOL ou V.I.T.R.I.O.L. Essa é a sigla da expressão latina "Visita Interiora Terrae, Rectificando, Invenies Occultum Lapidem", que quer dizer: Visita o Centro da Terra, Retificando-te, encontrarás a Pedra Oculta. Trata-se de um convite à procura da verdadeira identidade espiritual através do silêncio e da meditação.

Em síntese, pode-se afirmar que a câmara de reflexão visa expor o candidato ao isolamento absoluto, abstraindo-se tudo o que lhe é exterior e apresentando-lhe apenas os objetos e elementos úteis para conectá-lo a sua individualidade. A reflexão deve conduzi-lo a importante decisão acerca da seriedade do ato a praticar.

1.2.2. Testamento Moral e Filosófico

O testamento registra as últimas palavras do candidato, visto que partirá de sua vida profana para nascer em um novo plano, moral e espiritualmente mais elevado através da maçonaria.

1.2.3. Deposição de Metais

Inicialmente, o profano é despojado de seus metais e pertences. Diversas são as interpretações presentes na literatura maçônica que justificam essa importante etapa do ritual.

Consoante Jules Boucher em sua obra “Simbólica Maçônica, a retirada dos objetos pessoais do iniciado representa o princípio de que não se pode esperar “receber” sem antes exercitar a prática do “dar”. O mesmo autor aponta que o despojamento dos pertences pessoais e itens metálicos simboliza o abandono de ideias preconcebidas e de toda paixão mundana antes do efetivo ingresso nos quadros da ordem.

Neste sentido, retirar os metais e demais pertences pessoais do recipiendário significa privá-lo dos bens materiais capazes de corromper a sua consciência, colocando-o em um estado puro e simples, necessário a sua libertação e consequente ascensão ao divino.

Ainda em relação aos motivos para a ausência de metais, a doutrina também menciona tradições alquímicas e astrológicas, segundo as quais os metais estão associados a planetas e estes a pecados capitais, como orgulho, preguiça, cólera, inveja, gula, luxúria e avareza. De modo semelhante, os metais possuem a aptidão de impedir a circulação das correntes magnéticas e prejudicar os influxos positivos do meio em que o candidato será colocado durante sua iniciação.

Apesar das diferentes interpretações para a prática do despojamento, certo é que o procedimento visa posicionar o iniciado em um estado natural e de nudez material, representando o desapego e a renúncia a todas as paixões presentes na civilização profana que o afastam da perfeição moral e espiritual – objetivo de todo ser encarnado.

1.2.4. Desnudez Parcial do Corpo

A preparação física do recipiendário também envolve a privação de parte de suas vestimentas. O simbolismo dessa preparação pode ser compreendido da seguinte forma segundo as lições de Jules Boucher:

- Braço e peito esquerdos descobertos: chamam a atenção para o coração, órgão que representa sinceridade e franqueza. Especial cuidado deve ser conferido aos conflitos sentimentais simbolizados pelo coração, aos quais muito facilmente cede a maioria dos homens em suas experiências mundanas;

- Perna e joelho direitos desnudos: indica os sentimentos de humildade que devem balizar a postura do iniciado, não só em seu processo de iniciação, mas durante toda a sua trajetória maçônica. Ressalta-se que o joelho direito é aquele que se põe em terra na genuflexão, ou seja, no ato de submissão a alguém.

- Pé esquerdo descalço: simboliza o respeito e também a ideia de que a caminhada iniciada pelo recipiendário com o pé esquerdo descalço dificulta a partida, exigindo-se o apoio do pé direito, lado ativo. Utilizando-se o apoio de um pé sobre o outro, busca-se assimilar que a caminhada humana não é possível apenas com a existência da emoção, sendo necessária a aplicação preponderante da razão.

Além dos costumes acima mencionados, a preparação ainda comporta uma corda em formato de nó corrediço, passada ao redor do pescoço, para simbolizar tudo que ainda prende o profano ao mundo do qual ele está saindo.

Em apertada síntese, pode-se afirmar que a privação de parte de suas roupas, permite ao candidato colocar-se em posição de máxima simplicidade, respeito e submissão,

evidenciando a humildade com que se deve portar diante de todos aqueles que o receberão em família.

1.2.5. Olhos Vendados

O ritual de iniciação também exige que o candidato mantenha-se de olhos vendados. O simbolismo da venda configura-se em um dos costumes mais profundos da maçonaria.

A lógica desse costume reside no fato de que a iniciação leva à iluminação, isto é, o candidato, mergulhado nas trevas da ignorância, recebe a luz, representada pela sabedoria e verdade. Em outras palavras, o iniciado – desprovido de conhecimento – e, portanto, cercado de sombras e escuridão, recebe a oportunidade da sabedoria moral e espiritual, simbolizada pela luz.

Além da mudança de condição em que o iniciado experimenta (da escuridão para a luz ou da ignorância para a sabedoria), a prática dos olhos vendados nos rituais de iniciação também comportam duas interpretações extremamente coerentes com os princípios de irmandade e fraternidade preconizados pela ordem.

A primeira defende a tese de que, limitando-se os sentidos visuais, acentua-se a acuidade dos demais sentidos, sobretudo a capacidade de audição. Logo, sem a capacidade de ver, o profano atenta-se demasiadamente à palava do outro, desenvolvendo a aptidão de ouvir e, consequentemente, de aprender.

A segunda interpretação, intimamente relacionada ao princípio da irmandade, explica que a falta da visão pressupõe a necessidade de um guia. O iniciado, com os olhos vendados e com a locomoção limitada, torna-se obrigado a receber a orientação e o apoio de futuros irmãos que ainda não conhece, estabelecendo uma relação de confiança e reciprocidade.

1.3. Relatório do 1º Experto

Após a declaração do testamento filosófico, o Irmão 1º Experto emite seu relatório para assegurar que o candidato cumpriu com a sua primeira obrigação. Em ato contínuo, o Irmão Orador faz a leitura das últimas palavras do “velho homem” e torna público o seu pensamento profano.

1.4. Entrada do candidato

A entrada do candidato representa um dos pontos altos do ritual de iniciação. Ao bater nas portas do templo, desperta-se a desconfiança dos irmãos em loja. Mas, com a intervenção do 1º Experto, que o considera “livre e de bons costumes, o candidato recebe a oportunidade de ingresso. As regras lhe são apresentadas e questionamentos são feitos visando sua ciência e anuência sobre os princípios e obrigações decorrentes da condição de maçom que assumirá a partir de então.

1.5. Oração

O Grande Arquiteto do Universo é o Deus a quem cada maçom, conforme suas crenças pessoais, devota sua fé e credita seu trabalho. Pela relevância do momento, todos oram em prol

do candidato e o concedem também a oportunidade de reforçar sua inabalável confiança em Deus, mesmo diante dos mais severos entraves da vida.

1.6. Taça Sagrada

Por ocasião da iniciação ao grau de aprendiz, o recipiendário recebe uma taça com uma bebida doce e, na sequencia, uma taça com bebida amarga. De acordo com Jules Boucher, a bebida amarga representa a vida do iniciado, atormentado pelo desejo de se conhecer e de se aperfeiçoar. A bebida doce, por sua vez, simboliza a serenidade que a iniciação pode proporcionar.

O Ritual do 1º Grau de Aprendiz Maçom associa a liturgia das bebidas ao silêncio que o candidato deve jurar guardar sobre todas as provas a que for submetido. Preconiza o documento que, traída a confiança da loja, a doçura da bebida ingerida converter-se-á em veneno amargo. Reforça-se, com esse simbolismo, o alerta para que a conduta em loja, em especial na iniciação, seja marcada pela verdade, afastando-se os homens dissimulados e guiados pela curiosidade.

1.7. As Viagens e os Quatro Elementos

O ritual de iniciação maçônica também é marcado por viagens ou provas simbólicas e pela purificação através dos quatro elementos: terra, água, ar e fogo. A doutrina maçônica não define, com precisão, em qual dos mistérios da antiguidade essa importante etapa do ritual de iniciação foi concebida, mas reconhece uma conexão incontestável entre a iniciação maçônica e aos antigos mistérios.

Ressalta-se que as provas de coragem foram sendo modificadas ao longo dos tempos, de modo que a coragem física das provas foi substituída pela coragem mental e espiritual demonstrada pelos candidatos.

As viagens simbolizam os caminhos percorridos pelos antigos filósofos – fundadores dos mistérios – para adquirir novos conhecimentos. De acordo com a obra de Jules Boucher, o número três indica os lugares em que as ciências foram cultivadas e para onde se dirigiam os sábios de todos os países. Ainda consoante o autor, esses lugares eram a Pérsia, a Fenícia e o Egito.

Consoante o ilustre José Castellani, as três viagens simbólicas do ritual de iniciação representam, ao lado da permanência na câmara de reflexão (prova da terra), as únicas provas pelas quais o candidato passa em busca da iluminação. Apesar de a maçonaria não impor nenhum dogma religioso ou filosófico, a concepção do processo de iniciação guarda estreita relação com a religião, a filosofia e a vida material.

Segundo Jules Boucher, as filosofias falam à razão, as religiões tocam o coração e a iniciação estimula o lado espiritual do ser e a compreensão metafísica do sentido da vida. Afirma ainda o autor que o homem é formado não só de um corpo e de uma alma, mas de quatro partes distintas e bem delineadas – espírito, alma, mente e corpo – perfeitamente associadas aos quatro elementos: fogo, água, ar e terra.

Nessa direção, o autor promove a conexão dos conceitos acima apresentados, promovendo a compreensão de que a iniciação é o ápice de um processo de aprendizado e evolução moral e espiritual.

- Fogo = Espírito = Iniciação;
- Água = Alma = Religião;
- Ar = Mente = Filosofia;
- Terra = Corpo = Vida Material.

De acordo com Wirth, citado por Jules Boucher, a primeira viagem representa o tumulto das paixões, o choque de interesses diversos, a dificuldade dos empreendimentos e os obstáculos impostos pelos inimigos ao longo da jornada do homem. Todas essas dificuldades são figuradas pela irregularidade do caminho percorrido pelo iniciado e pelas tempestades, ventos fortes e trovões que ameaçam o sucesso do trajeto. Cumpre-se, assim, a prova do ar.

Segundo o Ritual do 1º Grau de Aprendiz Maçom, o ar também representa o emblema da vida, sujeita a contraditórias flutuações. Simboliza ainda o progresso de um povo, o avançar coletivo. Apesar das tempestades, sempre vem um novo despertar e com ele a calmaria para os que resistiram.

Ao ruído ensurdecedor da primeira viagem (tempestades, ventos fortes e trovões), segue-se um tinido de armas, símbolo dos combates que o homem constantemente é forçado a travar. Inicia-se a segunda viagem com o objetivo de purificar o candidato com a água, uma espécie de batismo filosófico destinado a higienizar a alma humana de todas as impurezas e más tendências do mundo profano. Realiza-se, assim, a prova da água.

A terceira viagem é a prova do fogo. Nela, o iniciado deve saltar um tríplice cinturão de fogo, permanecendo no meio das chamas sem ser queimado, deixando-se penetrar pelo calor benéfico que dele emana para queimar apenas os vícios herdados do mundo profano. Segundo o Ritual do 1º Grau de Aprendiz Maçom, o fogo, ao significar aspiração, fervor e zelo, deve despertar no candidato o desejo pela excelência e pela glória, trabalhando com afinco pelas nobres causas, especialmente as do povo, da Pátria e da maçonaria.

Percebe-se que, na iniciação maçônica, o recipiendário inicialmente sai da terra, simbolizada pela câmara de reflexão. Em seguida, ele é purificado pelo ar, pela água e pelo fogo, sucessivamente. Em etapas, o iniciado se liberta da vida material, transita pela filosofia e religião para chegar, enfim, à iniciação pura.

Dito de outra forma, o candidato despoja-se dos interesses essencialmente materiais (terra), desenvolve as habilidades mentais e intelectuais típicas de um ser pensante (ar), adquire a sensibilidade e a emotividade necessária à vida entre irmãos (água) e alcança a intensidade e a vivacidade de um espírito imortal (fogo).

1.8. Avançando ao ARA e Juramento

Conduzido pelo Mestre de Cerimônias, o candidato estabelece, pela primeira vez, contato com as Grandes Luzes e adentra no Oriente, local em que voltará raríssimas vezes como aprendiz maçom. Sua aparência física ainda é de precariedade e fraqueza física, porém com demonstração de coragem e altruísmo. Em um cenário de respeito e veneração, o candidato

assume o compromisso inarredável com as obrigações maçônicas, as quais levará consigo por dentro indeterminado.

1.9. Imersão no Mistério

Já com a indumentária recomposta, é chegado o grande momento do ritual: o candidato deixa cair a venda dos seus olhos, recebendo a luz dos novos irmãos e conhecendo a verdadeira amizade. O simbolismo da luz na maçonaria encontra amparo na senda divina, pois sem luz não há vida. Conforme ensinamento de Raymundo D'elia Júnior, a associação de luz a algo positivo e bom, sempre em contraposição às coisas más e sombrias, está presente em todas as religiões, crenças e filosofias.

Busca-se com a luz dissipar as trevas, as quais representam, invariavelmente, a ignorância, a ausência de sabedoria e o desconhecimento. Com efeito, João Francisco Guimarães esclarece que o ápice da escada de Jacó é a luz ou a iluminação. Para o autor, a ordem, por si só, não tem a aptidão de conferir a iluminação ao recipiendário, pois essa conquista é fruto da transmutação alquímica que cada um pode alcançar.

Segundo o autor, reside nesse ponto a diferença entre iniciado e iluminado. Enquanto o iniciado intensifica a ação sobre seus semelhantes, trabalhando em prol da família, da Pátria e da humanidade, o iluminado buscar ascender na vertical, rumo às mais altas virtudes e verdades cósmicas.

1.10. Investidura e Encerramento

O Venerável Mestre, representando o Grão-Mestre, recebe e constitui o novo irmão como aprendiz maçom e membro ativo dos quadros da loja. O iniciado recebe, então, das mãos do Mestre de Cerimônias um avental, que se constitui no adorno essencial de um maçom, além dos documentos constitutivos e regimentais do Grande Oriente do Brasil e da loja.

Consoante Jules Boucher, o avental é o emblema do trabalho e deve lembrar os maçons sobre a necessidade de se ter uma vida ativa e laboriosa. A cor branca do avental também é explicada pelo mesmo autor ao afirmar que o trabalho só será um castigo quando realizado para fins egoístas. Para que ele seja uma fonte de alegrias, é preciso que seja amado pelo seu significado. Esse é o motivo pelo qual o avental é branco, imaculado e puro. Conservando-o assim, cada um pode, de acordo com seu plano, realizar essa perfeição a que todo iniciado aspira.

Finalizadas a investidura e as primeiras instruções aos aprendizes, a sessão tem sequencia com todas as demais etapas típicas de uma sessão, como tronco, palavra, pavilhão nacional e encerramento propriamente dito. O encerramento, ao final, é o ponto que marca a transição imediata do sagrado para o profano, desfazendo-se a articulação fortemente espiritual das Grandes Luzes sobre o Altar dos Juramentos.

CONCLUSÃO

Diante das leituras realizadas e da reflexão delas decorrente, pode-se interpretar o simbolismo da iniciação ao grau de aprendiz como um processo de renascimento ou, ainda, de transformação.

Inicialmente, é imperioso reconhecer a premissa de que o homem, seja qual for a sua civilização, encontra na terra e no universo material que o envolve o cenário propício para as paixões desenfreadas, pensamentos degradantes, ambições destrutivas e todo tipo de porta aberta ao mal.

Invariavelmente, todo homem, em maior ou menor grau, sucumbe às armadilhas de uma sociedade predominantemente materialista. A uma determinada época da vida terrena, valores fundamentais como a honra e a dignidade tornam-se ideais distantes.

Em que pese o importante papel das religiões na tentativa de reabilitação da humanidade envaidecida, certo é que a abordagem centrada nas emoções utilizadas pelas doutrinas religiosas não é suficiente para fazer frente à necessidade de elevação moral e espiritual dos homens.

Muito além de uma linguagem direcionada ao coração, típica das religiões, urge a necessidade de uma fé raciocionada, de uma busca constante pela verdade e a crença de que o conhecimento é a única via para a felicidade eterna, ou seja, felicidade do espírito.

A maçonaria supre a lacuna da razão e, ao disseminar a existência de um princípio criador e inteligente, fornece as bases para a compreensão do sentido metafísico da vida, estabelecendo uma relação de causa e efeito.

O ritual de iniciação ao grau de aprendiz maçom marca o renascimento do homem para essa nova concepção de vida, em que o objetivo maior é o aperfeiçoamento moral e espiritual. Deixa-se de lado as preocupações materiais e transitórias e assume-se o verdadeiro sentido da existência na carne: a busca da perfeição espiritual.

Muitos são os simbolismos do ritual que remetem a esse renascimento, como a câmara de reflexão, compreendida como o útero materno, em que o "novo homem" será desenvolvido. Ou, ainda, a prática dos olhos vendados, a qual representa a escuridão da ignorância e dos mal hábitos cultivados pelo profano em sua existência material. Extremamente simbólicas também são as viagens desafiantes feitas pelo candidato para purificar-se através dos quatro elementos fundamentais da natureza.

Em apertada síntese, o simbolismo da iniciação representa a transformação de um estado atual de ignorância para um estado elevado de sabedoria. O indivíduo cansado de transitar em regiões trevosas e contaminado pelos vícios, porém desejoso de progressos, recebe a luz e passa a trilhar um novo caminho rumo à felicidade eterna.

Referência

GUIMARÃES, J. F. Cartilha Maçônica, São Paulo: Ed. Madras, 2010.
JUNIOR, R.D. Maçonaria: 100 instruções de aprendiz, São Paulo: Ed. Madras, 2012.
DA CAMINO, R. Vade-mécum do simbolismo maçônico, São Paulo: Ed. Madras, 2011.
RITUAL DO 1º GRAU: Aprendiz-maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito – Grande Oriente do Brasil, São Paulo, 2009.

CASTELLANI, J. O Rito Escocês, antigo e aceito - história, doutrina e prática, Londrina: Ed. A Trolha, 2006.
BOUCHER, J. A Simbólica Maçônica ou a Arte Real Reeditada e Corrigida de Acordo com as Regras da Simbólica Esotérica e Tradicional, São Paulo: Ed. Pensamento, 2015.